

humanitas

Vol. XXIII Ž J ; H

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS. XXIII E XXIV



COIMBRA
MCMLXXI-MCMLXXII



A *Introduzione* de Viansino presta alguns serviços ao leitor que aceitar, com as limitações do trabalho, o andamento ora sacudido, ora lasso, da exposição. E outros prestaria ainda se, no traçado do plano e na sua execução, o autor quisesse ser mais reflectido e mais paciente.

W. S. M.

Evangelhos e Actos dos Apóstolos, Anotações e tradução por S. Martins dos Reis, Edições Salesianas, Porto, 1972, [XIX] + 673 pp. + + 4 apêndices.

As últimas duas décadas viram aparecer já várias traduções da Bíblia em português, as quais põem em evidência, na fachada, que se trata de trabalho feito sobre textos originais. Supomos que o primeiro esforço verdadeiramente científico e conseguido, neste ponto, foi tentado pelo Cónego José Falcão, então professor do Seminário dos Olivais (*Evangelhos e Actos dos Apóstolos*, Lisboa, 1956). A nova versão que S. Martins dos Reis agora nos apresenta traz consigo uma novidade muito de apreciar do ponto de vista linguístico, pois afirma tê-la elaborado «sobre o texto crítico grego original, tendo em conta o substrato semita». A credenciar a probidade científica do tradutor estão os seus títulos de licenciado em Teologia e em Sagrada Escritura, em Roma. Além disso, o seu pendor para os estudos linguísticos está já comprovado não só por trabalhos de crítica e outras traduções como pela meritória edição do *Livro da Fazenda da Mesa Episcopal do Bispo de Évora*, em português arcaico (Évora, 1967).

Martins dos Reis tem plena consciência da dificuldade do seu trabalho, pois considera um autêntico *desafio* lutar simultaneamente com a «portentosa riqueza do grego *koiné* original» e com a «fantástica expressividade do português» (p. X. Adoptámos uma paginação em números romanos para a introdução, começando na portada. O tradutor omitiu este pormenor gráfico, o que dificulta a remissão para as suas importantes *palavras desnecessárias?* pp. VII-XIX). A onerar a

Génova, 1952; a 2.^a, de Florença, 1967); «su Terenzio traduttore [...] cf. A. Traina, «Belfagor» 1968, 431» 55 (foi republicada em *Vortit barbare*, Roma, 1970, 167-179); «E. Paratore (*Virgilio*, seconda ed., Firenze 1954)» 219 (há terceira, *ibid.*, 1961); «J. Perret (*Virgile*, Parigi 1959)» 219 (há segunda ed., *ibid.*, 1965, e o mesmo acontece com o comentário das *Bucólicas* citado abaixo com data de 1961, que saiu corrigido em 1970); «E. Paratore (*La poetica di Persio*, Roma 1964)» 281 (na ed. florentina de 1968, o título é *Biografia e poetica di Persio*); «K. Müller (Monaco 1961)» 375 (a última edição mülleriana dos *Satyrice* de Petrónio foi revista e emendada por Ehlers, München, 1965).

tarifa está o facto de estes cinco livros terem sido redigidos em grego por quem tinha esta língua como um superstrato, pois o seu idioma materno, certamente o aramaico, pertencia ao grupo semita, com características bem diferentes das das línguas indo-europeias. «Daí que às vezes possa parecer redundância o que não passa de explicitação do que realmente» o autor quis dizer (p. XII). Aliás a ética do tradutor é claramente apresentada: «traduzir é ... escravizar-se, porque um tradutor não diz o que quer, nem mesmo sempre como quer». Logo avança ainda que «uma tradução, porém, não precisa de ser servil para ser literal; e nem por isso deixa de corresponder ao ideal de ser fiel e elegante» (p. XI). Tomando posição perante uma tendência de certos autores modernos, adopta, com razão (e quando dizemos *com razão*, pensamos agora apenas no aspecto linguístico) esta norma de Henri Cazelles: «Le langage du texte a priorité sur la pensée de l'interprète. C'est l'homme moderne qui doit être démythologisé par le texte, et non le texte par l'homme moderne» (p. XIII).

Acresce que na intenção primeira dos editores esta tradução visava ser *ecuménica*. Quanto a nós este título só lhe pertenceria, em sentido corrente, se a versão fosse confiada a uma comissão mista de diversas igrejas cristãs ou, pelo menos, o conjunto das confissões cristãs estivesse na disposição de a aprovar e adoptar. Tal objectivo não se conseguiu. Todavia, o tradutor submeteu o seu trabalho ao «Conselho português de Igrejas cristãs». Deve confessar-se que a dificuldade de adoptar um texto único não está tanto na tradução em si, como na interpretação de alguns passos. Quem observar bem as reservas feitas pelo Secretário-Geral do referido Conselho (pp. XVI-XIX), verificará que elas seriam possivelmente todas superadas, se intérpretes das diversas confissões se tivessem sentado à mesa comum do estudo. Com efeito, algumas sugestões apresentadas ainda foram tidas em conta no texto definitivo; outras, em bem reduzido número, resolver-se-iam remetendo para notas as divergências de interpretação próprias das principais confissões; as restantes desapareceriam por cedência natural de uma das partes.

Consideremos apenas os casos de natureza estritamente linguística. Todos concordarão, por certo, com a nota a Mateus 12, 46-50 sobre a pobreza do hebraico em relação aos graus de parentesco (pp. 146-147). Apenas achamos que esta explicação deveria ter sido dada antes, pois faz falta para interpretar Marcos 3, 31-35 e 6, 3 (que citaremos a seguir). Martins dos Reis foi pois coerente ao traduzir, por exemplo, em Lucas 1, 5: «uma *descendente* de Aarão», em vez de dizer que Isabel era *filha* de Aarão; e logo a seguir (32) diz que Jesus terá «o trono de David, seu *antepassado*», evitando o corrente *pai*; bem como um pouco adiante (36) a Maria é anunciado que «Isabel, tua *parenta*, também (...) concebeu», sem se usar *prima*, ficando assim por definir o grau de parentesco. A forma *parenta*, observamos nós, é menos usada do que *parente*, quando não há perigo de confusão. O próprio Martins dos Reis na introdução (p. XVII) a prefere, referida a Isabel, e em Marcos 6, 3 traduz: «E não vivem também aqui as *suas parentes* no meio de nós?». E em Mateus 12, 50 está bem explícito: «esse é que é meu parente, *minha parente* e minha mãe!» Mas em Marcos 6, 3 o problema põe-se em termos de linguística e de exegese. Martins dos Reis traduz com correcção: «Não é este o carpinteiro, o filho de Maria e *parente* de Tiago, de José, de Judas e de Simão?!» A tradução habitual por *irmão* poderia implicar que Maria tinha mais filhos, além de Jesus. Mas a palavra grega *ἀδελφός* tem por substrato uma outra, aramaica, com significado mais vago, como

se vê, por exemplo, no Génesis 13, 8 (parentesco entre Abraão e Lot), Gen. 29, 15 (entre Labão e Jacob); etc. Aliás em Mateus 27, 56 e em Marcos 15, 40 fala-se explicitamente da «mãe de Tiago e de José».

Nas mesmas circunstâncias se encontra Marcos 3, 32: «Estão ali fora a tua Mãe e os teus parentes e parentos, que procuram por ti» e os seus lugares paralelos (Mat. 12, 46-50; Luc. 8, 19-21). Só é de estranhar que, mesmo em tradutores recentes, o peso de um pseudo-literalismo continue a fazer aparecer nestes passos as palavras *irmãos* e *irmãs*. Não deixe de se observar, no entanto, que o tradutor também utiliza, quando vem a propósito, o vocábulo *irmão*. Ei-lo logo no princípio do seu trabalho: «viu Simão e André, *irmão* de Simão (Marc. 1, 16); «viu Tiago, filho de Zebedeu, e João seu *irmão*» (Marc. 1, 19), etc.

Mais simples nos parece a objecção «de se escrever Mãe, com maiúscula, sempre que o texto se refere à Virgem Maria, Mãe de Deus...» (p. XVII). Apesar de regulado pelo acordo ortográfico, o uso das maiúsculas está sujeito a interpretações subjectivas. Com frequência se lê, na correspondência habitual, o nome de Pai ou Mãe (com maiúscula). Parece-nos até que Martins dos Reis abusa das maiúsculas, utilizando-as noutras circunstâncias em que se poderiam dispensar. Começando por Marcos, cap. I vemos: «fazendo a *Proclamação* do baptismo» (4), «rasgarem-se os *Céus*» (10), «*Proclamação da Boa Nova*» (14), «o *Reino* de Deus está a chegar» (15), «ao *Sábado*» (21), «quando o *Sol* se pôs» (32), etc.

Francamente não vemos que o ter-se «tomado em consideração o substrato semita» (p. XVII) possa ser motivo de censura, por parte do Conselho das Igrejas. Quanto a nós, é uma inovação que há muito o conhecimento linguístico das particularidades do grego bíblico estava a exigir.

Cada um dos livros traduzidos é precedido por um «verbete de apontamento bibliográfico», breve mas denso, e por um «esquema e plano sumário». Além disso o trabalho é ilustrado com mapas geográficos e tábuas cronológicas.

O exame minucioso da tradução leva-nos a observar que houve o cuidado de manter quanto possível palavras portuguesas com a mesma raiz das do original grego. São bem significativas neste campo as expressões: João Baptista avançará «com o espírito e o *dinamismo* (*δυνάμει*) de Elias (Lucas 1, 17); e logo a seguir: «terminados os dias da sua *incumbência litúrgica* (*λειτουργίας*), referindo-se a Zacarias (23). No mesmo sentido interpretamos o literalismo de alguns passos: «Já que muitos *meteram mãos a dispor em ordem* (*ἐπεχείρησαν ἀνατάξασθαι*), no começo de Lucas (1, 1); e pouco depois (5): «Zacarias, dos do *serviço diário* de Abias (*ἐξ ἐφημερίας*), em vez do corrente *da turma*.

Esta preocupação chega ao exagero de buscar apenas semelhanças fonéticas, como em Lucas 1, 12: ao ver o Anjo «Zacarias ficou *atarantado* (*ἐταράχθη*). Ora o verbo *ταράσσω* não tem nada a ver (tanto quanto se sabe) com *atarantar*, este derivado de *taranta*, aranha típica de *Táranto* (Tarento, na Itália). Também em João (1, 14) lemos: «E o Verbo se fez carne e fixou o Tabernáculo [de si próprio] entre nós». O cólon *καὶ ἐσκήνωσεν ἐν ἡμῖν* significa, de facto, literalmente: *e levantou a sua tenda entre nós*, sendo a tenda um sinal da presença de Deus no meio do povo. Mas confessamos que a simples leitura desta expressão, agravada com um desnecessário parêntesis, não é tão clara como: *e habitou entre nós*, seguindo a interpretação da Vulgata latina, embora se perca uma parte da imagem sugerida por *ἐσκήνωσεν*.

A mesma intenção de reproduzir todo o sentido original se pode ver em Marcos (1,5): «*Salam a ir ter com ele*» (ἐξέπορεύετο), procurando manter o valor do préverbo ἔξ, mas com sacrifício da correnteza da linguagem e sem proveito apreciável.

Achamos digna de louvor a tradução perifrástica de μετάνοια e μετανοεῖν por «mudança (ou *mudar*) de pensamentos ou de vida», em vez dos simples *arrepentimento* e *arrepender-se* (cf. Marcos I: 4 e 15).

Temos também algumas observações a fazer. A transliteração em caracteres latinos de palavras gregas é bastante arbitrária. Repare-se em *kòinë* (p. X), mas *koiné* (p. XVII), *dikaiòsinè* (p. XVII), *mètà-noia*, mas *mètà-nòein* (p. 5), *mòikheia* (p. 113), etc. Parecem-nos perfeitamente aceitáveis as normas de transliteração (o que é diferente de outro problema: o da passagem para a forma latina, que trataremos a seguir) propostas pelo Prof. Manuel Fernández Galiano, segundo as quais as palavras acima passariam simplesmente a *koiné*, *dikaioisine*, *metánoia*, *metanoein* e *moikheía* (cf. M. Fernández Galiano, *Sobre un proyecto de transliteración del griego clásico* em ³*Αντίδογον*, Hugoni Henrico Paoli oblatum, Facultà di Lettere, Genova, 1956, pp. 124-136).

Em Lucas 2, 2 aparece o antropónimo *Κυρηῖον* (em genitivo). A Vulgata tem o ablativo latino *Cyrino*. As *lectiones variantes* do texto grego apresentam também a forma *Κυρείνον*. Como este nome próprio deve passar-se para português através do latim, teríamos no primeiro caso, lat. *Cyrenius*, port. *Cirénio*; na segunda leitura, lat. *Cyrinus*, port. *Cirino*. Não vemos razão para pronunciar e escrever em português *Quirínio* ou *Quirino*. (Lembrar nomes consagrados como *Cirilo*, *Ciro*, etc.).

Achamos muito bem que as citações do Antigo Testamento, integradas no texto, frequentes sobretudo em Mateus, apareçam grafadas a *italico*, mas já discordamos de que a indicação da fonte seja encravada na redacção, entre parêntesis (umas vezes em tipo «redondo» outras em *italico*). Parece-nos que estes elementos, úteis sem dúvida, dificultam a leitura seguida, sobretudo se tiver de ser proclamada numa assembleia litúrgica; por isso deviam tais indicações descer para o rodapé das notas. Diferente é o caso da indicação dos lugares paralelos de cada episódio, que esses sim ficam bem enquadrados no fim de cada subtítulo. Atenção especial merecem os cânticos do *Magnificat* (Lucas 1, 46-55) e do *Benedictus* (Lucas 1, 68-79). Gostamos de os ver a *italico*, mas notamos a falta de indicação das fontes vetero-testamentárias, as quais são nestes passos bastante numerosas e deveriam ser indicadas em nota.

Discordamos também que se intercalem no meio do texto parêntesis explicativos ou interpretativos. Repare-se na sua frequência, por exemplo em João, capp. 3 e 4. Se tais palavras devem fazer parte da tradução, incluam-se sem receio; se são uma explicação conveniente, remetam-se para nota no rodapé.

Martins dos Reis diz na introdução (p. XIII) que o Autor inspirado não perde a sua «personalidade», a qual se revela «poderosamente vincada e individualizada». O mesmo dizemos nós dos tradutores. Já noutra lugar provámos como é possível descortinar traços da psicologia de Pascásio de Dume apenas através da sua tradução dos apotegmas dos padres do deserto (cf. *A versão latina por Pascásio de Dume dos Apophthegmata Patrum*, Coimbra, 1971, tomo I, pp. 108-122). Pois também um pouco do temperamento ardoroso do Dr. Sebastião Martins dos Reis se descobre

até só pelo seu sistema de pontuação, em que abundam os pontos de admiração e as reticências. Abrimos agora uma página ao acaso (p. 31): nas primeiras 15 linhas temos 7 pontos de admiração. E já tínhamos notado que em Lucas 1, 28-33 todos os períodos terminam admirativamente. Vejam-se exemplos nas transcrições que faremos adiante.

O mesmo se diga quanto ao uso das reticências. Estas são sobretudo numerosas nas anotações. Pudemos verificar que todas as notas ao primeiro Evangelho traduzido, o de S. Marcos (e louvamos esta ordenação, que está de acordo com a crítica literária mais recente), terminam com os três pontinhos. Veja-se também a introdução. Nem a explicação etimológica do nome de Teófilo, «(= Amigo de Deus...)» escapa. Concorde-se que, pelo menos, o invocado *κράτιστε Θεόφιλε* (Lucas 1, 4) seria um amigo de Deus sem reticências.

Já algo dissemos sobre o apreço que em nós despertou a nova tradução dos Evangelhos e Actos dos Apóstolos. Com efeito, Martins dos Reis mostra-se muito atento às características do grego helenístico e à inevitável influência da língua semítica, primária para os redactores do nosso texto grego. Perdoe-se-nos não alongarmos mais esta recensão com a referência de dificuldades superadas pela primeira vez na nossa língua. Baste-nos remeter, por exemplo, para a tradução, em alguns passos verdadeiramente *nova*, do episódio da anunciação do Anjo a Maria (Lucas 1, 26-38).

Não esquecemos o deslumbramento que em nós produziu o estudo do grego bíblico, quando verificámos que certas dificuldades, em que têm tropeçado muitos exegetas, ficam clarificadas pela simples aplicação de um critério linguístico devidamente documentado. Vamos apresentar apenas exemplos de dificuldades que *não* vemos ultrapassadas nesta tradução de Martins dos Reis. Não nos demoramos a fornecer bibliografia. Com a sigla Z remetemos para a numeração da obra de Maximiliano Zerwick, *Graecitas Biblica exemplis illustrata*, E Pontificio Instituto Bíblico, Romae, 1955. Limitamo-nos a um exemplo para cada livro agora traduzido.

1 — Em Marcos 4, 11-12 Jesus explica aos discípulos por que motivo fala às multidões em parábolas:

ἐκείνοις δὲ τοῖς ἔξω ἐν παραβολαῖς πάντα γίνεται, ἵνα «βλέποντες βλέπουσι καὶ μὴ ἴδωσιν, καὶ ἀκούοντες ἀκούωσιν καὶ μὴ συνῶσιν, μὴ ποτε ἐπιστρέψωσι καὶ ἀφηθῆ ἂντοῖς».

Martins dos Reis traduz: «Aos que estão de fora, porém, tudo se passa em parábolas, *para que* «estando a olhar com os olhos, não vejam; estando a ouvir com os ouvidos, não entendam: Não aconteça que se convertam, e lhes seja perdoado».

A dificuldade reside no facto de aquele *ἵνα* ter sido entendido, já pela Vulgata (*ut*) e pela maioria dos intérpretes, com sentido final. Ora o lugar paralelo de Mateus 13, 13 em vez de *ἵνα* emprega *ὅτι* com claro sentido causal. O valor causal de *ἵνα* no grego helenístico é confirmado por Apolónio Díscolo e defendido para este passo pelo filólogo Pernot (cf. Z 291-292). Há ainda a possibilidade de *ἵνα* ter como substrato a partícula aramaica *di*, a qual pode ter o valor de um pronome relativo: eles *que* (cf. Z 303). A nossa tradução é, pois:

Para os que estão de fora tudo é narrado em parábolas, *porque* «olhando, olham mas não vêem, e ouvindo, ouvem mas não entendem, *a não ser que* alguma vez se convertam e lhes seja perdoado».

Há aqui uma citação de Isaías (6, 9-10) que se denuncia no estilo pela repetição dos verbos *olhar* e *ouvir*. Para a tradução de *μή ποτε* por *a não ser que*, em vez do habitual sentido final (Vulgata: *nequando*), interpretação esta que também complica a lógica do pensamento, cf. J. Alonso Díaz in *La Sagrada Escritura, Nuevo Testamento*, I vol., B. A. C. Madrid, 1961, p. 417).

2 — Em Mateus 12, 27 Jesus responde aos que pensam que Ele expulsa os demónios pelo poder que Beelzebul lhe deu, dizendo:

καὶ εἰ ἐγὼ ἐν Βεελζεβούλ ἐκβάλλω τὰ δαιμόνια, οἱ υἱοὶ ὑμῶν ἐν τίνι ἐκβάλουσιν;

Martins dos Reis traduz: «E se é por Beelzebul que Eu *expulso* os demónios, por quem os expulsam os vossos filhos?!»

A conjunção *εἰ* está construída com indicativo e pode parecer que a hipótese é real. Todavia aqui é certo que Jesus tem tal hipótese como irreal. Os seus adversários julgam que Jesus *expulsa* os demónios pelo poder do Maligno, mas Ele está bem certo de que essa opinião é falsa. Por isso *εἰ ... ἐκβάλλω* deve traduzir-se:

E se eu *expulsasse* os demónios pelo poder de Beelzebul, em nome de quem os expulsam os vossos filhos?

A irrealidade da hipótese posta por Jesus é confirmada pelo lugar paralelo de Marcos 3, 26 (cf. Z 218).

3 — Em Lucas 7, 47, a propósito da conversão da pecadora que se arrependeu e a quem foram perdoados os pecados, Jesus diz:

ἀφένονται αἱ ἁμαρτίαι αὐτῆς αἱ πολλαί, ὅτι ἠγάπησεν πολύ.

Martins dos Reis traduz: «Estão-lhe perdoados os seus pecados, que são muitos, *pelo muito amor que demonstrou!*» Uma longa tradição de exegetas e tradutores entende, de facto, que foi *porque* (ou *visto que*) muito amou que à pecadora foram perdoados os pecados. Ora o sentido geral da parábola em que este texto se integra, é antes o de que *a quem muito se perdoa*, muito ama. A frase em causa adapta-se também a este contexto desde que *ὅτι* seja tomado num valor mais débil, não de causa mas de sinal (cf. Z 299). Nós traduziremos:

Foram-lhe perdoados os seus muitos pecados, *por isso eis como* muito amou.

4 — Vejamos um pensamento de Jesus que não precisa de contexto para se compreender. Vem em João 12, 44:

Ὁ πιστεύων εἰς ἐμὲ οὐ πιστεύει εἰς ἐμὲ, ἀλλὰ εἰς τὸν πέφαντά με.

Martins dos Reis traduziu: «Aquele que acredita em Mim/, *não é em Mim* que acredita/, *mas n'Aquele* que me enviou».

Ora nas construções disjuntivas, por vezes, o hebraico nega a primeira parte para pôr em relevo a segunda (cf. Z 310). Aqui temos um caso de substrato semita que não foi valorizado. Por isso deverá traduzir-se:

Quem acredita em Mim, *não é só em Mim* que acredita, *mas sobretudo n'Aquele* que me enviou.

5 — Nos Actos dos Apóstolos, Paulo, preso em Cesareia, após ter feito a sua defesa diante do rei Agripa, dirige-se-lhe nestes termos (26, 27-29), segundo a

tradução de Martins dos Reis: «Acreditas nos Profetas, rei Agripa? Eu sei que acreditas! Agripa respondeu a Paulo: *Por pouco me não fazes tornar-me cristão!* Ao que Paulo [observou]: Peço e prouvera a Deus, *ou por pouco, ou por muito*, que não só tu mas também todos os que hoje me estão a ouvir, se fizessem tais como eu sou, ... à excepção destas cadeias!».

Em causa está apenas a parte central da tradução (28-29) cujo texto grego reproduzimos:

Ἦ δὲ Ἀγρίππας πρὸς τὸν Παῦλον Ἐν ὀλίγῳ με πείθεις Χριστιανὸν ποιῆσαι.
Ἦ δὲ Παῦλος Ἐξαιμίην ἂν τῷ Θεῷ καὶ ἐν ὀλίγῳ καὶ ἐν μεγάλῳ οὐ μόνον σὲ ἀλλὰ καὶ πάντας...

Em primeiro lugar consideremos a oração infinitiva cujo verbo é *ποιῆσαι*. «Não há obrigação de mencionar o sujeito nem o complemento directo se eles coincidem com o sujeito ou o complemento directo da oração principal». Baseado neste princípio Fridrichsen propôs uma interpretação excelente da difícil resposta do rei Agripa: *ἐν ὀλίγῳ με πείθεις (σεαυτὸν) χριστιανὸν ποιῆσαι (μὲ)*. E aduz a seu favor uma construção e interpretação semelhante em Xenofonte, *Memorabilia* I, 2, 49 (cf. Z 279^b). Sendo assim já podemos traduzir a primeira parte:

Agripa respondeu a Paulo: *Queres persuadir-me de que tu, em pouco tempo, conseguiste fazer de mim um cristão?*

Finalmente o mesmo A. Fridrichsen põe em relevo o valor pleonástico de *ἐν* junto ao dativo de interesse. Paulo joga com a expressão *ἐν ὀλίγῳ*, atribuindo-lhe agora um novo sentido e contrapondo-a a *ἐν μεγάλῳ*, «que sem dúvida alude ao rei», como grande personalidade (cf. Z 91). A tradução será a seguinte:

Rogo a Deus *quer em favor dos que são pouco quer dos que são muito, que oxalá não só tu...*

Poderá parecer que estas interpretações de Fridrichsen são um pouco artificiosas. Na realidade elas não só têm base linguística, mas adaptam-se perfeitamente ao contexto, explicando melhor a psicologia de Agripa e o fogo apostólico de Paulo.

Há várias outras sugestões de Zerwick que desejaríamos ver aproveitadas. Mencionemos algumas, indicadas nos números 23, 184, 199^b, 201, 223 e 294.

Uma tradução envolve sempre problemas de escolha, havendo de preferir uma expressão, embora nos pareça que outra também se adaptava ao contexto. Trabalho difícil, sem dúvida. Pelo labor entusiasta desta tradução inovadora merece os nossos parabéns o Rev. Dr. Sebastião Martins dos Reis.

JOSÉ GERALDES FREIRE